



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE - UFS  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - POSGRAP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NPGeo



“30 ANOS DE CONTRIBUIÇÃO À GEOGRAFIA”

São Cristóvão, 29 e 30 de Agosto de 2013.

---

## NO QUEBRA-QUEBRA DA CASTANHA: A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO NO PROCESSO DE BENEFICIAMENTO DA CASTANHA DE CAJU NO ESPAÇO AGRÁRIO NO AGRESTE SERGIPANO

**Katinei Santos Costa**

Doutoranda em Geografia do Programa em Pós-Graduação  
Universidade Federal de Sergipe  
Grupo de Pesquisa Estado, Capital e Políticas de Re-ordenamentos Territoriais.  
[katineicosta@hotmail.com](mailto:katineicosta@hotmail.com)

**Alexandrina Luz Conceição**

Orientadora do NPGeo  
Líder do Grupo de Pesquisa Estado, Capital e  
Políticas de Re-ordenamentos Territoriais.  
[aluz@oi.com.br](mailto:aluz@oi.com.br)

O sistema do capital com o discurso “modernizante” se expande e transforma as relações de trabalho, no campo e na cidade, altera e controla as relações de produção com o objetivo de acumular lucro. O capital se desenvolve de forma desigual e combinada, dialeticamente se fragmenta e se homogeneiza para estabelecer o projeto de mundialização, e assim se reproduz em escala planetária a partir da expansão e integração dos mercados. É a partir da mundialização do capital que se desenvolve um complexo de reestruturação produtiva, com impactos estruturais, no mundo do trabalho. A reestruturação surge como ofensiva do capital na produção constituindo em novas relações de trabalho (ALVES, 2000, p.9).

A mundialização do capital só é possível com o avanço da ciência e da técnica nos meios de transportes e comunicação que mediante o desenvolvimento contraditório das relações capitalistas a partir da reestruturação produtiva fragmenta e metamorfoseia as relações de trabalho. Nesse contexto emergem novos processos e sentidos da categoria trabalho, que perde o seu sentido ontológico enquanto relação recíproca entre homem e natureza, que em sentido etimológico traz implícita a condição da relação natural do homem com a natureza como condição de uso.

Novos processos de trabalho emergem onde o *cronômetro e a produção em série e de massa* são “substituídos” pela flexibilização da produção, pela

“especialização flexível”, por novos padrões de busca de produtividade, por novas formas de adequação da produção à lógica do mercado (ANTUNES, 2008, p.24)

O trabalho na perspectiva de atender a lógica do capital, o lucro, passa a ser o motor fundamental, por ser o único capaz de produzir outras mercadorias, é o trabalho que gera mercadoria-valor-capital. Nessa condição para poder se reproduzir o capital tem de se apropriar do trabalho para gerar e acumular mais capital, mas para que o trabalho produza mercadoria tem de se alienar, pois é na condição de alienado que o sujeito que executa o trabalho é explorado. A alienação se dá com a fragmentação e transformação do trabalho, permitindo, assim, a expropriação que se concretiza com a precarização.

Quaini apud Menezes (2007) coloca que,

A condição principal da produção capitalista é justamente que tanto a força de trabalho quanto as condições e os meios de trabalho e de subsistência se tornem mercadorias e como tais, venham a serem trocados para produzir novos valores de troca e reproduzir em escala crescente a relação capitalista (p.64).

Nesse sentido, a alienação do trabalhador da castanha é uma estratégia do capital para explorar e precarizar a força de trabalho familiar, e garantindo o acúmulo de mais-valia. No agreste sergipano, a unidade de produção familiar é responsável pelo processo de desenvolvimento da castanha de caju. Todos os membros da família se dedicam ao quebra-quebra da castanha para garantir o sustento familiar. O capital explora e precariza a força de trabalho familiar que persiste e mantém as relações camponesas de produção a partir da atividade da castanha de caju.

Na sua dialética o capital gera riqueza e miséria, realização e (des) realização, trabalho e (des) trabalho para que se desenvolva de forma desigual e combinada, e para garantir o seu ciclo de reprodução e acumulação. Na peregrinação pelo trabalho, fonte de riqueza de uns e domesticação de outros, fica cada vez mais camuflada as más condições de produção, os acidentes, os abusos de poder e a perversidade do capital na busca pelo lucro, pela apropriação da riqueza socialmente produzida.

A atividade de beneficiamento da castanha garante a sobrevivência dos trabalhadores e o acúmulo de riqueza do capitalista, permitindo o ciclo da reprodução do capital a partir da exploração e acúmulo do trabalho. Em todo o ciclo produtivo, o fetiche da castanha como possibilidade de trabalho escamoteia as contradições da relação capital - trabalho estabelecida em cada etapa do processo que se inicia com a produção e reinicia com o consumo.

Nesse sentido, presente estudo tem como objetivo analisar o processo de beneficiamento da castanha, observando as relações de produção e de trabalho que se configuram no ciclo da produção capitalista no campo sergipano, nos municípios de Campo do Brito e Itabaiana.

Para alcançar tal proposta, será necessário analisar no processo de beneficiamento da castanha as contradições que engendram o processo de trabalho e de usurpação do lucro, que só é possível a partir do método de análise, o materialismo histórico dialético, articulado com os procedimentos técnicos metodológicos como leituras de livros, monografias, dissertações, teses, revistas, periódicos e jornais objetivando adquirir maior aprofundamento teórico/epistemológico sobre a circularidade: produção/distribuição/circulação e consumo da atividade da castanha de caju, na dimensão local/regional/nacional, e sua inserção no processo da mundialização do capital e seu reflexo na singularidade do lugar do beneficiamento da castanha.

A análise da relação capital-trabalho será desenvolvida através da contínua observação do cotidiano dos trabalhadores vivido na casa de castanha, sendo a observação acompanhada paralelamente por leituras já referenciadas, além da aplicação de entrevistas e questionários aos sujeitos envolvidos. Assim, busca-se entender como a atividade da castanha de caju se constitui em uma estratégia de permanência da unidade de produção familiar. A permanência da economia camponesa se estabelece como objetivo de adquirir o necessário para a sobrevivência familiar. O trabalho não se realiza em troca de um salário, mas em troca da sobrevivência de todos os membros da família.

## **Referências Bibliográficas**

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital**, Londrina, Práxis: 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as Metamorfoses e a Centralidade do mundo do Trabalho**. 13ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2008.

MENEZES, Sócrates Oliveira. **De “Supérfluos” a Sujeitos Históricos na Contramão do Capital: A Geografia do (Des) Trabalho**. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2007 (Dissertação de Mestrado em Geografia)

Eixo de Inscrição: Análise Agrária